

O encantamento da natureza e a génese da religião na obra de Leite de Vasconcelos

ANTÓNIO GIL MALTA*

RESUMO

A reflexão centra-se na emergência histórica da religião e a sua relação com o fascínio que o homem do Paleolítico sentiu pelos fenómenos naturais, reconhecida pelo autor, a despeito de reputados especialistas como Gabriel de Mortillet. Legitima-se o princípio do *Homo sapiens* – *Homo religiosus*, mas também a tese de que a primeira intuição originária não se pode atribuir ao culto dos mortos, traçando-se, por fim, um paralelismo entre Vasconcelos e Eliade.

Palavras-chave: Religiões Primitivas – *Homo sapiens* – *Homo religiosus* – Encantamento da Natureza – Culto da Vida – Hierofanias naturais

ABSTRACT

*The reflexion centres itself on the historic emergency of religion and its relation with the fascination, which the Paleolithic man had for natural phenomena, recognized by the author and despite the opinion of renowned experts such as Gabriel de Mortillet. The *Homo sapiens* - *Homo religiosus* principle is legitimated, as well as the thesis that the first originary intuition cannot be attributed to the cult of the dead, being established, finally, a parallel between Vasconcelos and Eliade.*

Keywords: Primitive religions – Fascination for nature – Cult of life – Natural hierophanies

* Escola Secundária com 3º CEB de Coruche. gilmalta@net.sapo.pt.

“O céu, com o esplendor da sua luz e a variedade e importância dos seus fenómenos, atraiu logo muito cedo a atenção dos homens.”

(Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 103)

1. A CRÍTICA A GABRIEL DE MORTILLET: A REFUTAÇÃO DA NÃO RELIGIOSIDADE DO HOMEM DO PALEOLÍTICO

A religião teve princípios humildes, simples, como todas as instituições humanas. Tal como afirmou Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitânia* (1897, p. 96), “não se chegou repentinamente à concepção de divindades como Zeus ou Mercúrio.”

É assim que numa época em que ainda se discutia se o homem do Paleolítico Superior possuía sentimentos religiosos, Leite de Vasconcelos não tem dúvidas que a não existência de vestígios materiais não prova a ausência deste tipo de vivências. Uma crença religiosa não implica, segundo ele, “necessariamente a existência de objectos de arte.” (Vasconcelos, op. cit., p. 90).

Posição que no final do século XIX, ainda suscitava muitas perplexidades no seio da comunidade científica. Uma autoridade nesta matéria para a época, o professor parisiense Gabriel de Mortillet¹, ao falar no seu livro *Le Préhistorique: Antiquité de l' Homme* (Mortillet, 1883, p. 475) do grande número de jóias, ou objectos de adorno, que se encontraram nas estações pré-históricas do período magdalenense (Paleolítico Superior), afirmava

¹ A ele se deve a primeira classificação arqueológica da Idade da Pedra. Em 1864, fundou a primeira revista consagrada à Pré-História, *Matériaux pour l'Histoire Positive et Philosophique de l'Homme*. Foi professor de Antropologia Pré-Histórica na Escola de Antropologia a partir de 1876; publicou em 1881, com o filho Adriano, um álbum de estampas intitulado "Le Musée Préhistorique", onde fixou a classificação e a nomenclatura dos principais tipos de instrumentos das Idades da Pedra e do Bronze. Muitas das suas interpretações revelaram-se mais tarde desajustadas, mas ainda hoje se utiliza, em parte, a classificação e a nomenclatura da sua autoria. Vide Sonnevile-Bordes, 1984, p. 19.

peremptoriamente que o homem anterior ao Neolítico desconhecia qualquer forma de religião:

“O que me impressiona no meio de todos estes berloques é de nada encontrar que tenha uma fisionomia de amuleto. Todas as peças, furadas para serem usadas suspensas, explicam-se e justificam-se muito bem como jóias.

...As gravuras e as esculturas, no seu conjunto assim como nos seus detalhes, conduzem à mesma conclusão, a ausência completa de religiosidade.”

Positivista radical, marcado pelas correntes científicas mais materialistas e laicistas do seu tempo, Mortillet considera que “as religiões, todas, quaisquer que elas sejam, dão à luz, como objectos de arte, monstruosidades, anomalias, coisas sem sentido.” (Mortillet, op. cit., p. 476). E nas suas pesquisas não encontrou “qualquer traço desta aberração do espírito, deste descaramento da imaginação em toda a arte da época magdalenense. Eu repito, devemos concluir que o homem magdalenense, artista distinto, não tinha nenhuma concepção religiosa.” (Mortillet, op. cit., p. 476).

A razão destes argumentos prende-se com o facto de Mortillet pensar que os primeiros indícios do comportamento religioso foram as práticas fúnebres. Como não encontrou vestígios destes ritos “nos tempos quaternários” (Mortillet, op. cit., p. 476), no seu entender só podia concluir que o homem daquele período “era completamente desprovido do sentimento da religiosidade.” (Mortillet, op. cit., p. 476).

Ideias que desde a primeira hora suscitaram a mais viva objecção por parte de Leite de Vasconcelos. Já no *Elenco das Lições de Numismática* (Vasconcelos, 1889, p. 21), desferiu severa crítica a Gabriel de Mortillet, ao mesmo tempo que sublinhava a concepção animista do homem primitivo e o papel dos amuletos para procurar controlar a acção nefasta das forças da natureza:

“O homem inculto considera a Natureza como um conjunto de forças conscientes que nas ocasiões críticas se torna necessário acalmar pela oração ou pelo esconjuro. Os amuletos são um meio de esconjuro; segundo a crença, livram do mal. A existência deles remonta já aos tempos pré-históricos. Falando dos homens da época magdalenense... diz M. de Mortillet no seu livro *Le Préhistorique...* que eles não tinham ainda o sentimento da religiosidade; mas baseia esta estranha afirmação em argumentos tão frágeis, que quase não vale a pena refutá-los.”

1. 1. Argumentos a favor da presença do religioso

a) A infinidade possível de amuletos

Mas a afirmação da religiosidade do homem do Paleolítico vai ser uma ideia-esteio em que assenta a fundamentação das *Religiões da Lusitânia*. O autor começa por questionar (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 86) o que escreveu Mortillet sobre a inexistência de objectos com a fisionomia de amuletos. Ora, “nem todas as substâncias de que o homem costuma fazer amuletos (e feitiços) são igualmente sólidas e duradouras, podendo pois ter-se destruído desde os tempos quaternários até hoje.” Nomeadamente, poderiam ser feitos de barro ou de madeira, ou simplesmente ser um ramo ou um bolbo de uma planta ou os frutos: arruda², sabugueiro³, alho⁴, etc. (Vasconcelos, 1889, p. 21 e 1897, vol. I, p. 86).

Além disso, “estamos muitas vezes na impossibilidade de, à vista de certos objectos, decidir se eles são ornatos, insígnias, amuletos, etc.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 86). Dá de seguida o exemplo dos povos da Lunda que “atam no braço um fio com algumas contas grossas ou missangas, e também caroços, para afastarem malefícios; se o sr. Mortillet encontrasse estas contas na época quaternária, dizia igualmente que eram enfeites, e contudo são amuletos!” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 87). E refere também o facto de haver nos museus portugueses “muitas placas de ardósia pré-histórica esculpidas, que, se podem ser meros ornatos e insígnias, podem também ser objectos de religião.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 88).

Isto porque muitos objectos, mesmo sem aparência de amuletos, feitiços, ídolos, etc., podiam sê-lo. É o caso das cratofanias líticas: os negros de S. Jorge da Mina “tinham rochedos à beira-mar adorados como deuses.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 89).

Ou da dendrolatria (culto das árvores), citando Plínio, o Velho, na *Naturalis Historia* (Plínio, o Velho, 2003, vol. XII, p. 20): “As florestas foram os templos das divindades, e ainda agora, em virtude de um rito antigo, os aldeãos simples consagram a um deus a melhor árvore.”

E questiona, Leite de Vasconcelos (1897, vol. I, p. 89-90):

“E que se não sabe acerca das árvores sagradas de todos os povos?
Quantas árvores sagradas não podia ter também o homem quaternário?”

² *Ruta angustifolia* Pers. (Rocha, 1996, p. 275).

³ *Sambucus ebulus* L. (ibid., p. 463).

⁴ *Allium sativum* L. (ibid., p. 265).

...porque é, pois, que o sr. Mortillet, que conhece por certo estes factos e outros análogos, se decide tão peremptoriamente pela irreligiosidade do homem quaternário?”

Por outro lado, comparando certos objectos usados no seu tempo, positivamente amuletos, com outros antigos com o mesmo fim, dos quais existe documentação, não encontra razão para se excluir de muitas relíquias pré-históricas a ideia religiosa (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 90).

b) A universalidade da religião

Mas para Leite de Vasconcelos há um outro argumento mais forte, que já tinha apresentado no citado *Elenco das Lições de Numismática* (Vasconcelos, 1889, p. 21): “ainda se não descobriu povo algum sem religião”. Convicção que aprofunda no primeiro volume das *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1897, p. 95) ao dizer que “em todos os povos historicamente conhecidos, por mais atrasados e rudes que sejam, o sentimento religioso aparece sempre em maior ou menor grau.” E, fazendo suas as palavras de Roskoff, afirmou que a origem da religiosidade se deve procurar “nas leis e condições do desenvolvimento da natureza humana” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 94, nota 3).

Além de que “não era provável que os homens no estado de civilização já relativamente adiantado em que estavam aqueles de que o sr. Mortillet fala, não soubessem crer.” Tese a que já fizera alusão no *Elenco das Lições de Numismática* (Vasconcelos, 1889, p. 21), retomada nas *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1987, vol. I, p. 95).

Após a reflexão em torno do simbolismo dos amuletos, Leite de Vasconcelos centra a sua atenção no significado das gravuras e esculturas da época paleolítica.

c) A controvérsia em torno da arte magdalenense

Começa por recordar a habilidade artística do homem magdalenense, à qual tantas vezes Mortillet faz alusão: utilizava a pedra, o marfim, o osso e o chifre e tinha particular propensão para figurar animais; alguns répteis, raramente aves, um número apreciável de peixes e sobretudo mamíferos. As gravuras de plantas eram pouco numerosas (Mortillet, op. cit., p. 415).

Mas como não encontrou nem círculos, nem triângulos, nem nenhuma cruz, apenas linhas onduladas e outras concepções de fantasia, concluiu que esta era mais “uma das numerosas provas que as populações dos tempos geológicos não tinham culto, não tinham ideias religiosas.” (Mortillet, op. cit., p. 415).

E de novo Leite de Vasconcelos discorda, retorquindo que uma crença religiosa não implica necessariamente a existência de objectos de arte. Já antes, num pequeno texto intitulado “Do Ateísmo dos Calaicos”, inserido na *Revista Lusitana* (Vasconcelos, 1890-1892, vol. II, p. 346-347), tinha reunido “vários dados bibliográficos para provar que alguns povos, em certo período do seu desenvolvimento religioso, não representaram, ou pelo menos tinham pouca tendência para isso, os seus deuses por imagens.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 90-91).

O ponto de partida da sua reflexão foi uma passagem da *Geografia* de Estrabão (2003, III, 4, 16) onde se lê o seguinte: “Dizem alguns que os Calaicos são ateus.” Refere em seguida que vários autores já tinham tentado refutar ou explicar a frase do geógrafo grego, mas ninguém se tinha lembrado de supor que na primitiva informação aproveitada por Estrabão, ter-se-á querido dizer que os Calaicos não tinham ídolos ou imagens e não deuses (Vasconcelos, 1890-1892, p. 346).

Cita o exemplo de na linguagem quotidiana chamar-se frequentemente *santos* às *imagens* dos santos; “além disso o grego *theós* também pode significar *ídolo*.” (Vasconcelos, 1890-1892, p. 346).

É compreensível que numa informação destas, contada e recontada, viessem a confundir-se as duas noções, aliás distintas, de ídolos e deuses, acabando Estrabão por tomar a segunda pela primeira (Vasconcelos, 1890-1892, p. 346-347).

Em abono do teísmo dos Calaicos, Leite de Vasconcelos fala da existência de inscrições onde a noção de deus aparece de forma inequívoca, como *deus Bormanicus*, *deus Durbedicus*, *deus domenus Cusumeneoecus*, etc. (Vasconcelos, 1890-1892, p. 347).

E conclui salientando que o facto dos Calaicos, ou alguns deles, não terem imagens para os seus deuses, em certo período da sua história, não é caso único nem raro, pois isso acontecia também entre os antigos Romanos, os Germanos, etc. (Vasconcelos, 1890-1892, p. 347).

Mais uma vez é reiterado o princípio de que não há povo sem religião, que é estruturante do pensamento teológico do autor. E se a faculdade religiosa não constitui apenas apanágio do homem primitivo, Leite de Vasconcelos sente-se seguro em dizer que nele tinha grande intensidade (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 97).

d) O culto dos mortos, culto da vida

No âmbito da sua análise ao livro de Mortillet, *Le Préhistorique*, Vasconcelos aborda a questão do culto dos mortos, a primeira manifestação religiosa para o professor parisiense. Posição que é perfilhada por um compatriota e autor coevo de Mortillet, Fustel de Coulanges, na sua obra *A Cidade Antiga* (Coulanges, 1980,

p. 25), para quem é credível que a religião da morte foi a mais antiga nos povos indo-europeus. Mas ambos pecam num ponto fundamental:

“Nenhum destes autores reflectiu em que o homem, antes de morrer, viveu! Era pois natural que anteriormente aos deuses da morte, ou pelo menos contemporaneamente com eles, os deuses da vida atraíssem a veneração do espírito humano.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 92).

O próprio culto dos mortos não deixa de ser um culto da vida, uma outra forma de se celebrar a vida. Não é por acaso que já no Paleolítico os mortos são sepultados com todo o carinho, com a preocupação da conservação do seu corpo, polvilhados com ocre vermelho, que era visto como garantia da imortalidade, tal como a mumificação entre os egípcios. Com esta intenção eram polvilhados com ocre vermelho – o símbolo do sangue (Lévêque, 1996, p. 15), que intensificava a potência vital num outro modo de existência. Os nossos ancestrais eram cobertos de flores, especula-se ainda desde quando, e até sepultados com objectos de uso pessoal, ou outras oferendas, ossos de animais, por exemplo. Começava-se a acreditar numa vida para além da vida (Leroi-Gourhan, 1990, p. 66 e 77-78).

É curioso notar que Fustel de Coulanges, num capítulo posterior, referindo-se aos povos indo-europeus, e principalmente aos gregos e aos romanos, contradiz-se, pois, ao lado da religião da morte coloca a religião da Natureza física (Coulanges, op. cit., p. 144) e diz não se saber qual apareceu primeiro (Coulanges, op. cit., p. 146).

E noutro passo, Leite de Vasconcelos interpela nestes termos Mortillet:

“E muito principalmente os animais, como o lobo, o urso, o cisne, etc., – o que tudo aparece na arte dos tempos quaternários –, não representam, pelo menos algumas vezes, ideias religiosas? Abundam os factos neste sentido em grande número de religiões, que nos oferecem copiosos símbolos e animais sagrados” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 91).

Eis-nos no cerne do pensamento de Leite de Vasconcelos acerca da génese da religião: o encantamento, a atracção que a Natureza exerceu sobre o homem primitivo. A religião começou por ser a religião da vida e não a religião da morte.

Não deixando o autor de alertar que “é erro querer buscar a origem da religião num elemento único: a natureza é muito complexa, e o homem está sempre dominado por ela toda.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 92-93).

Porquê então “o homem temeu a morte, e não temeu por exemplo a trovoadas, o furacão, o animal feroz? Para que dar preferência ao temor da morte, e pôr de parte, por exemplo, o temor ou a adoração de outros fenómenos naturais?” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 92).

e) O encantamento da Natureza

E pegando de novo nas palavras de Mortillet, Vasconcelos frisa que para o professor parisiense estes homens eram pouco numerosos, não tinham de se combater entre eles e por isso a guerra era desconhecida (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 95; Mortillet, op. cit., p. 601). Pelo seu *modus vivendi* “eles amavam e admiravam a Natureza. É pois claro que tendo lazeres, eles tenham-se esforçado para reproduzir esta Natureza o mais fielmente possível. O que os levou a representar diversos animais com uma extrema precisão” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 95; Mortillet, op. cit., p. 601).

Com este texto Mortillet queria chamar a atenção para um certo grau de desenvolvimento que no Paleolítico Superior atingiu a arte (a escultura e a gravura), bem como a indústria. E justifica esta criatividade pela ausência de ideias religiosas, de loucos terrores que viessem “perturbar e perverter a sua imaginação!” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 95; Mortillet, op. cit., p. 601). Mas não deixa de reconhecer a enorme sensibilidade do homem primitivo e o seu particular fascínio pela Natureza.

O que motivou este belo comentário de Leite de Vasconcelos: “A Natureza despertava pois emoções artísticas nas almas destes homens” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 95).

Locais que para nós hoje são simplesmente bonitos eram para o homem primitivo mais do que isso, eram sagrados. A sua atitude é mais do que uma simples observação, é uma contemplação acompanhada de um inefável deleite estético e podemos dizê-lo também místico: experiência sacralizadora que Vasconcelos tão bem retratou neste passo: “Singulares almas, que, ao contemplarem os grandiosos fenómenos do universo, sabiam já evocar ideais tão levantados, tão brilhantes e tão próprios do homem” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 95).

E se Mortillet ao longo do seu livro insiste na falta de provas da religiosidade paleolítica, interroga-se o autor das *Religiões da Lusitânia*, “se haveria também em madeira algumas dessas provas” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 91). Foi o próprio Mortillet quem escreveu que a madeira devia ser provavelmente muito utilizada naquele período (Mortillet, op. cit., p. 414).

E Vasconcelos dá exemplos de diversos povos, em África ou no Borneo, que vivendo de forma similar à do homem primitivo têm nos seus cultos

“numerosos ídolos ou manipulansos de madeira” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 91).

Para além disso, prossegue noutro ponto o autor, o facto de Mortillet não encontrar sepulturas na época magdalenense, também nada provava contra a existência da religião quaternária, pois o destino que o homem tem dado aos seus mortos é muito variado, e nem só por túmulos se manifesta o sentimento da religião da morte: “não obstante, todos estes povos possuem crenças religiosas, e celebram cerimónias fúnebres.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 93).

Ainda assim, mesmo que os factos invocados por Mortillet não tivessem sido desmontados e refutados, os seus argumentos seriam insuficientes:

“Os objectos materiais não constituem os únicos elementos que definem e determinam uma religião, em que há também práticas, lendas, festas, fórmulas, etc., de que nenhuma informação directa possuímos em relação aos tempos pré-históricos, em que tudo isso podia existir.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 94).

E quantos fenómenos e seres naturais não caberiam no quadro religioso primitivo, sem que o homem os representasse figuradamente:

“Os ventos, as tempestades, os montes, os rios, e outros muitos ...As religiões dos povos selvagens ministram disso numerosos exemplos. Era igualmente possível o culto das grutas, como sucedia na América.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 94)⁵.

Esta divinização da Natureza é o resultado, segundo Leite de Vasconcelos, da imaginação fecunda do homem primitivo e do seu desconhecimento das leis que regulam os fenómenos físicos. Desta forma, numa visão antropomórfica e animista, tinha tendência “para considerar como outras tantas individualidades humanas... tudo aquilo a que ele atribuía movimento ou vida, – a água, o vento, a nuvem, o astro, a planta, o animal, o lume, a sombra fugidia” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 96).

Guiado pelo princípio da existência da mentalidade pré-lógica, afirmou que o primitivo atribuía, com frequência, à simples sucessão no tempo uma relação

⁵ Neste primeiro volume das *Religiões da Lusitânia*, p. 46-48, Leite de Vasconcelos refere vários povos que praticavam actos de culto nas grutas: os finlandeses colocavam lá os seus ídolos, encontrando-se o mesmo culto no Peru; os Caraíbas acreditavam que a Lua foi da terra para o céu, saindo de uma caverna onde primeiro estava encerrada; uma crença análoga existia no Haiti, onde se mostrava uma caverna sagrada.

necessária de causalidade: “tomava não raro o nome pela coisa nomeada” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 96). E, como se pensava que o Homem do Paleolítico Superior não sabia ainda fazer abstracções profundas, o seu conhecimento restringia-se a um modo directo e imediato da realidade, através da experiência sensível (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 98).

Daqui resultou o ter povoado o universo de entidades superiores e misteriosas, da vontade das quais julgava que ele próprio e a Natureza estavam dependentes, em certos casos. Entidades que era preciso invocar ou esconjurar conforme as circunstâncias (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 98).

f) A génese das religiões primitivas

E, fazendo uma síntese dos estudos de história das religiões e das comunidades tecnologicamente menos desenvolvidas, de vários autores seus contemporâneos (Tiele, Réville e Goblet d’Alviella), mas também influenciado, como já foi dito anteriormente, pelo animismo de Tylor e com referências a Andrew Lang, embora com algumas reservas, e a Otto Pfeiderer, (Vasconcelos, 1897, vol I, p. 97-98)⁶, apresentou, de acordo com o espírito positivista e evolucionista da época, uma classificação dos diversos estádios das religiões desde os primórdios da humanidade (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 96):

“Assim primeiramente constituíram matéria religiosa as coisas naturais, consideradas como conscientes, ainda que sem nelas se estabelecer distinção nítida entre corpo e espírito (*Naturalismo elementar*); depois acreditou-se na existência individual de espíritos (*Animismo*), uns, da Natureza, outros, meras divisões da pessoa humana, – espíritos que ora andavam soltos pelo espaço (Espiritismo), ora se fixavam em certos objectos (Feiticismo). Ao que acrescentaremos a concepção dos amuletos e dos símbolos.”

Para o homem primitivo os seres divinos eram em tão grande número “quase como as impressões da alma diante do espectáculo da vida, multiformes e cambiantes como os aspectos dos fenómenos naturais e da actividade psicológica humana, deviam apresentar-se de modo bastante complexo, obscuro, indeciso e até às vezes contraditório.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 97).

⁶ No campo da bibliografia portuguesa sobre a origem, natureza e classificação das religiões, Leite de Vasconcelos menciona Oliveira Martins e Vasconcelos Abreu, pelos seus trabalhos de carácter geral.

E no seu jeito poético, que nunca perdeu, o autor ilustra o seu raciocínio com alguns felizes exemplos da vivência ambivalente do sagrado por parte destes homens (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 97):

“As águas que davam peixes e mariscos, ou que, num ímpeto de tempestade, inundavam a miserável cabana em que ele costumava abrigar-se; as árvores cheias de pomos frescos e saborosos; o urso e a hiena, caindo de improviso e com fúria sobre a criancinha que dormia, entrouxada em peles ou ervas secas, num recanto, ao sol: eram outras tantas entidades formidandas e sobre-humanas, ante as quais o selvagem estava aterrado ou grato, convulso de raiva ou sorridente de gozo”.

A Natureza, misteriosa, tremenda e fascinante, ideias que são uma antevisão do que viria a escrever em 1917, Rudolf Otto, em *Das Heilige* (O Santo).

2. O TRAÇO DE UNIÃO COM MIRCEA ELIADE: A MULTIPLICIDADE DE HIEROFANIAS NA NATUREZA

Poderá dizer-se que a história das religiões é formada por um número considerável de hierofanias, pela manifestação de realidades sagradas: desde a mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objecto qualquer, uma pedra ou uma árvore, até à hierofania suprema que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo (Eliade, s. d., p. 25).

Trata-se sempre de um acto misterioso, da manifestação de algo de ordem diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, mas em objectos que pertencem ao mundo natural em que vivemos, profano. (Eliade, s. d., p. 25-26).

Para Eliade, “a pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, são-no justamente porque são hierofanias, porque «mostram» qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o *sagrado*, o «ganz andere»” (Eliade, s. d., p. 26).

O homem primitivo vivia o mais possível no sagrado ou muito perto dos objectos consagrados. Esta sua atitude compreende-se pelo facto do sagrado equivaler ao poder e, por isso, à realidade por excelência: o sagrado está saturado de ser. Potência sagrada significa ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. Com uma vida intensamente religiosa como era a do homem arcaico, este desejava “profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder.” (Eliade, s. d., p. 27).

Com uma linha de pensamento análoga, de tal forma que Leite de Vasconcelos se nos afigura um precursor de Eliade, o nosso autor fala-nos da visão sacralizadora

do homem primitivo face ao encantamento dos espectáculos naturais.

Das páginas das *Religiões da Lusitânia* seleccionámos um conjunto de textos que documentam outras tantas hierofanias e que constituem uma autêntica *poiesis* do mistério:

Os bosques:

“Entrar num bosque, rico de árvores seculares e gigantescas, onde a grandeza dos vegetais causa espanto, e as próprias sombras infundem mistério, era para os antigos... fonte de sentimento religioso” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 108).

Os rios:

“Conhecida é a veneração religiosa de que a antiguidade cercava os rios. Ora destruidores das sementeiras e das casas, em seu curso impetuoso; ora fertilizadores das veigas, quando serenos e mansos: o homem viu sempre neles forças misteriosas que convinha adorar ou esconjurar, conforme as circunstâncias” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 224).

As fontes:

“Em virtude da admirável propensão do homem para a personificação e mesmo dramatização, quer dos grandes espectáculos naturais, como o giro dos astros, as mudanças da atmosfera e das estações, a agitação dos mares, os vulcões, os terremotos, quer dos fenómenos, mais modestos, do crescimento das plantas, da vida dos animais, tão semelhante à dele, do deslizar, ora pacífico, ora tumultuoso dos rios, e do marulho sempre suave das fontes, – não é de estranhar que entre os cultos antigos se encontre, ao lado do das correntes fluviais... também o das fontes. Com efeito, não há ninguém que não tenha experimentado sentimentos poéticos e misteriosos ao ver como, em meio do silêncio e do sossego dos campos,

Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva...

Camões, *Lusíadas*, IX, 54.

Aos poetas, como naturezas mais impressionáveis e cujas observações são por isso frequentemente mais frisantes, mais próximas das do homem que vive no estado natural, não tem escapado expor esses sentimentos que as águas das fontes, de murmúrio manso e rítmico, despertam neles” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 237).

Os montes:

“Os montes deviam impressionar muito a imaginação dos antigos, tanto pelo seu aspecto majestoso e solitário, como pelas riquezas minerais que encerravam: compreende-se, por conseguinte, que se lhes prestasse culto” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 103-104).

Um local sagrado:

“Ao descrever o Promontório Sagrado, ou Cabo de S. Vicente-Sagres, diz Estrabão, fundando-se nas palavras de Artemidoro, autor anterior a ele meio século, «que não se vê lá nenhum santuário de Hércules, como Ephoro inexactamente dissera, nem altar, dele ou de algum outro deus, mas que em muitos sítios há grupos de três e quatro pedras, que são pelos visitantes voltadas, em virtude de um costume tradicional, e deslocadas, depois deles fazerem libações». E, mais diz o mesmo Estrabão, ainda segundo Artemidoro, que ali «não é permitido sacrificar, nem ir de noite àquele lugar, porque se assevera que os deuses estão lá então; mas que os que vêm para o ver pernoitam em uma aldeia vizinha e entram nele, depois, durante o dia, levando consigo água, por causa da falta dela»” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 199-200).

Do culto das árvores, outeiros e penedos, diz Leite de Vasconcelos que abundam os vestígios, quer nos costumes locais, quer no onomástico (Vasconcelos, 1903, vol. II, p. 73).

Em Monsanto, cujo nome conserva o primitivo carácter religioso, existia um deus com o seu templo. E, ou se divinizava a própria montanha, que Vasconcelos considerava uma forma de Naturalismo Elementar, ou quando muito, era habitada por um espírito, numa perspectiva animista (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 104).

Para o autor, o homem primitivo achava-se solitário no meio das árvores e das flores e o envolvimento da Natureza interpelava-o:

“Porque não haviam de os ventos murmurantes ser a voz dos deuses que passavam? Os raios de sol serem o afago de uma divindade benfazeja? A Natureza, apenas o homem nascia oferecia-lhe agasalho nas grutas, e apenas ele morria, abria-lhe o seio para o receber. Os frutos que pendiam das árvores e as flores que se ostentavam nas veigas eram a prova evidente do amor da grande mãe.” (Vasconcelos, 1891, vol. I, p. 53-54).

Na imaginação e sentimento do homem arcaico, um rio, como outros elementos da Natureza, árvores, lume, etc., era um ser vivo dotado de especial e maravilhosa força. Os antigos lusitanos ligavam ao acto de atravessar o rio *Limia*, invadir um domínio tido por tabu, superstição terrível, que deixou nos autores clássicos eco extenso: “e para evitar a cólera fluvial devia executar-se certo rito expiatório” (Vasconcelos, 1938, vol. V, p. 521).

Noutro passo, acrescenta também Vasconcelos que a água dos rios, pela sua limpidez e movimento, possui naturais propriedades purificadoras, a que o povo às vezes dá carácter sobrenatural (Vasconcelos, 1938, vol. V, p. 527-528).

Atenção especial também merecem desde há muito as fontes. O crente antigo, ciente da utilidade que as águas lhe prestavam, “adorou-as em efusão, erigindo-lhes altares e fundando-lhes santuários. Algumas fontes tinham realmente virtude, proveniente das qualidades medicinais das águas.” (Vasconcelos, 1905, vol. II, p. 238).

Outro culto de grande expressão na pré-história foi prestado à Terra, “que nos sustém a nós e aos animais, que em si armazena tantas riquezas metálicas, e de cujo seio irrompem as águas e brotam as plantas” (Vasconcelos, 1913, vol. III, p. 241).

Em relação aos astros, Leite de Vasconcelos salienta a importância na antiguidade do culto da lua:

“Dos astros, a lua, pelo contraste brusco que estabelece entre as trevas e a luz foi, segundo A. Réville, o que «primeiro cativou a vista, e estimulou a imaginação do homem-criança», suposição que tem também a seu favor o achar-se o culto lunar muito espalhado” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 104).

Adorada por ser um corpo luminoso, a ela e à sua luz foi principalmente atribuído o crescimento das plantas. A este culto também se referiu Oliveira Martins, na sua obra *Sistema dos Mitos Religiosos* (Martins, 1986, p. 71):

“Não foi o Sol, diz Spiegel, que primeiro chamou a atenção do selvagem. O céu nocturno, cujas luzes contrastam com a escuridão da terra, impressiona

muito mais a imaginação ingénua. Entre as luzes do céu, a Lua domina pelo tamanho, pela originalidade das suas fases. A Lua é o pai da ninhada de estrelas; a Lua é o homem, o Sol a esposa, por toda a América, por toda a África. O culto lunar é o primitivo, o solar é posterior.

O reinado religioso do Sol começa com a civilização. É então que a Lua, como todos os vencidos, desce à condição feminina e maligna.”

Também as grutas despertaram grande interesse na antiguidade:

“Abertas no âmago ou nas vertentes dos montes solitários, ou mesmo entre as escarpas da beira-mar, compreende-se que as grutas constituíssem magníficos asilos para os homens pré-históricos depositarem os caros restos dos seus pais, dos seus parentes, dos seus amigos. Ali, depois de tomadas as devidas precauções, não iriam facilmente as feras profanar o que era sagrado.” (Vasconcelos, 1897, vol. I, p. 219).

Das tradições religiosas da Lusitânia descritas por Leite de Vasconcelos figuram ainda os animais sagrados: as abelhas pelas propriedades do mel, donde se fazia o hidromel, os peixes, as aves, mas sobretudo o gado bovino, caprino e suíno, quer a nível doméstico, importante para a economia familiar desde o sedentarismo no Neolítico, quer entre as espécies autóctones.

BIBLIOGRAFIA

- COULANGES, F. de (1980) – *A Cidade Antiga. Estudo sobre o Culto, o Direito e as Instituições da Grécia e de Roma*. Tradução do francês e glossário de Fernando Aguiar. 10ª ed. Lisboa: Clássica Editora. 1ª ed. em língua francesa 1864.
- ELIADE, M. (s. d.) – *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Tradução do alemão de Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil. 1ª ed. em língua alemã 1957.
- ESTRABÃO (2003) – *Géographie III*. Edição bilingue (francês e grego), fixação do texto e tradução do grego de François Lasserre. 10ª ed. Paris: Les Belles Lettres.
- LEROI-GOURHAN, A. (1990) – *As Religiões da Pré-História*. Tradução do francês de Maria Inês Sousa Ferro, revisão e introdução de Victor Gonçalves. Lisboa Edições 70. 1ª ed. em língua francesa 1964.
- LÉVÊQUE, P. (1996) – *Animais, Deuses e Homens. O Imaginário das Primeiras Religiões*. Tradução do francês de João Gama, revisão de Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70. 1ª ed. em língua francesa 1985.
- MARTINS, J. P. de O. (1986) – *Sistema dos Mitos Religiosos*. Prefácio de José Marinho. 4ª ed. Lisboa: Guimarães Editores. 1ª ed. 1882.
- MORTILLET, G. de (1883) – *Le Préhistorique. Antiquité de l'Homme*. Paris: G. Reinwald.
- PLÍNIO, O VELHO (2003) – *Histoire Naturelle XII*. Edição bilingue (francês e latim), fixação do texto, tradução e comentários de Alfred Ernout. 12ª ed. Paris: Les Belles Lettres.
- ROCHA, F. (1996) – *Nomes Vulgares de Plantas Existentes em Portugal*. Coordenação geral da edição de Edite Costa Pereira, prefácio de João Amaral Franco. Lisboa: Direção-Geral de Protecção das Culturas.
- SONNEVILLE-BORDES, D. de (1984) – *A Pré-História*. Tradução do francês de Maria Lúcia Aquino, revisão técnica de Victor Oliveira Jorge. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença. 1ª ed. nesta editora 1981, 1ª ed. em língua francesa 1967.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897, 1905 e 1913) – *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. 3 vols.
- VASCONCELOS, J. L. de (1889) – *Elenco das Lições de Numismática. I Parte do Curso (1888-1889)*. Lisboa: Tipografia do Jornal o Dia.
- VASCONCELOS, J. L. de (1890-1892) – *Do Ateísmo dos Calaios*. *Revista Lusitana*. Porto. vol. II, p. 346-347.
- VASCONCELOS, J. L. de (1891) – *O Presbitério de Vila Cova*. *Ensaios Etnográficos I*. Esposende: [s. n.], p. 1-97.
- VASCONCELOS, J. L. de (1903) – *Mitologia Portuguesa*. *Ensaios Etnográficos*. Esposende: [s. n.]. vol. 2, p. 50-79.
- VASCONCELOS, J. L. de (1938) – *Superstições de Rios Encaradas Geneticamente*. *Opúsculos*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. 5, p. 521-540.

